

Obra contribuiu para o Tietê transbordar

Estado de S.Paulo, 26 maio de 2005

Para acelerar o aprofundamento da calha, empresas ampliaram explosões, depositando mais sedimentos no leito; enquanto isso, duas barragens dificultaram a vazão das águas

Colaborou: Bárbara Souza Bruno Paes Manso

Mesmo depois que as obras estiverem prontas, caso ocorra uma nova tempestade com as mesmas proporções da que caiu ontem, o Rio Tietê vai transbordar novamente. Segundo o superintendente do Departamento de Águas e Energia Elétrica (Daee), Ricardo Borsari, a obra está projetada para suportar 120 milímetros de chuvas durante 24 horas. Na madrugada de ontem, em alguns pontos da Bacia do Alto Tietê, choveu 130 milímetros em 12 horas. "Caiu mais água do que o esperado em um espaço de tempo menor", alegou. "Não havia como a obra suportar esse volume."

As obras do Tietê estão sendo feitas para garantir vazão de até 1.048 metros cúbicos por segundo. Com essa capacidade, segundo os cálculos do Daee, haveria risco de ocorrer uma enchente a cada 100 anos. Depois das chuvas, a vazão do rio chegou em 1.230 m³/s. "Fazia 50 anos que não havia uma chuva dessas na região da bacia do Tietê", afirmou. "Nunca prometemos que acabaríamos com as cheias, mas sim que diminuiríamos os intervalos em que elas ocorrem"

Os limites do projeto foram calculados em cima do volume de chuvas registrado entre 1 e 2 de fevereiro em 1983, um dos maiores da história de São Paulo. Na ocasião, no intervalo de 24 horas choveu 105 milímetros. A vazão do Rio Tietê no Cebolão era de 600 m³/s. Com isso, o risco de enchentes era de uma a cada dois anos, segundo os cálculos do Daee. "Situações como essa são difíceis de se prever", disse Borsari.

O superintendente explicou que não seria viável aumentar o limite da capacidade, ainda mais por causa do espaço estreito, com pistas da Marginal de cada lado do rio. A solução para Borsari são as obras complementares, como os piscinões, que armazenam as águas nos afluentes do rio e diminuem o volume despejado no Tietê. "Os piscinões funcionaram e todos ficaram cheios, o que mostra que o trabalho está dando resultado."

Borsari defendeu a construção de mais piscinões e alertou para a necessidade de manutenção permanente na calha depois que as obras acabarem. "Se não tirarem a sujeira depois da obra pronta, a vazão volta a diminuir."

ATRASO

O atraso nas obras no Rio Tietê e as intervenções feitas para concluir o aprofundamento da calha contribuíram para as cheias de ontem. O prazo previsto para a entrega era agosto do ano passado. Falta acabar cerca de 15% das obras e os trabalhos devem se estender até outubro.

Para dar conta do prazo, as empreiteiras contratadas pelo governo do Estado fizeram uma série de explosões no leito do rio para aumentar a profundidade. Com as explosões, uma quantidade maior de sedimentos ficou depositada no fundo do Tietê. Ainda existem ainda duas barragens - conhecidas como "ensecadeiras" -, que reduziram a vazão do Tietê.

A Assessoria de Imprensa do Departamento de Águas e Energia Elétrica (Daee), órgão do governo do Estado que coordena as obras, não soube dizer quantas explosões ocorreram este mês ao longo do rio. As ensecadeiras são rampas de terra que servem para cercar as obras no meio do rio que evitam que as águas atrapalhem o trabalho dos operários. Elas avançam da margem para o leito e atualmente estão sendo usadas para o reforço de duas pontes das Marginais, as do Piquerí e Cruzeiro do Sul. Com isso, estreitaram a largura do Tietê.

Maio é historicamente um mês de pouca chuva. Nesse período de seca, o governo costuma aproveitar para adiantar serviços - segundo o Dae, o atraso nas obras ocorreu por causa de processos judiciais de caráter ambiental que paralisaram os trabalhos.

O ex-gerente de Construção da Companhia Energética de São Paulo (Cesp), César Bregstrom Lourenço, afirmou que o estrangulamento no leito dos rios ficou evidente porque durante o dia de ontem as águas do rio baixaram muito lentamente. Ele acha que há intervenções demais no Tietê. "É preferível atrasar o prazo de entrega e trabalhar com menos interferência no rio", disse. "Obras que passam no meio da cidade exigem cabeça fria."

A falta de mais piscinões nos rios e córregos que cortam a cidade e a falta de manutenção nos 33 existentes contribuíram para o transbordamento do Rio Tietê. A principal função dos piscinões é reduzir o volume de água jogado no Tietê pelos seus afluentes. Com a chuvas, alguns chegaram a transbordar, segundo a Prefeitura. "Com a devida manutenção e uma distribuição estratégica, os piscinões deveriam ter evitado o transbordamento do rio", explica o engenheiro Roberto Kochen, do Sindicato Nacional da Empresas de Arquitetura e Engenharia Consultiva. Segundo o Departamento de Água e Energia Elétrica, existem 14 piscinões no Rio Tamanduateí. Eles conseguem reservar 40% da quantidade ideal de água. No Pirajuçara, a situação é pior: são cinco piscinões que conseguem conter 35% da quantidade ideal de água. O engenheiro Domingos Gonçalves, responsável pela área na Secretaria Municipal de Coordenação de Subprefeituras, explica que o Tietê atingiu seu limite de extensão entre uma margem e outra. "Somente a redução do volume de água despejado nele e seu aprofundamento poderiam evitar esses problemas." O governador Geraldo Alckmin afirma que será entregue mais um piscinão em São Caetano do Sul. "Vamos começar mais dois. Se não fossem os piscinões existentes, teríamos problemas mais graves."